

Fernando vem fazendo um bom trabalho de articulação?

Gil acha que a política de alianças é necessária e que o tucano é o mais indicado para fazê-la

Estado — Porque você decidiu apoiar Cardoso?

Gilberto Gil — Por várias razões. Razões que a própria razão desconhece. Razões práticas e afetivas. Logo que cheguei do exílio, a figura dele era a que mais me induzia à idéia de um nome ideal para presidente da República. Gosto dele. Voto nele um pouco como o Chico vota no Lula. Chico é um homem de trato aristocrático, como é o Fernando. No entanto, ele vota no Lula. Sou mais classe média baixa, como o Lula, mas voto agora no Fernando.

Estado — E as razões práticas?

Gil — O Fernando vem fazendo um trabalho razoável de articulação política no Brasil. Acho que a política de alianças é necessária. As reformas democráticas de que precisamos só podem ser feitas por dentro do sistema, contando com os segmentos mais conservadores. Eles é que têm de ceder agora um pouco. A direita é que tem de dar espaço. Acho o Fernando Henrique um belo articulador desse processo. Além disso, ele já vem governando.

Estado — Como você avalia a atuação de Cardoso no Ministério da Fazenda e o Plano Real?

Gil — O plano é habilidoso, cuidadoso. Levaram um ano elaborando. Observaram processos de estabilização em lugares críticos como Argentina, Chile, Israel, México. Depois adaptaram tudo isso de um modo razoável à realidade brasileira. Fizeram um plano, se você olhar bem, com custos sociais e políticos relativamente baixos.

Estado — Você apoiou o PT em 1989. O que mudou nesses anos? O que o levou a mudar de lado?

Gil — As forças políticas têm de

observar o lado participativo, desenvolvimentista, produtivista do capitalismo. Isso quem pode fazer melhor hoje é a visão social-democrata do PSDB. Essa visão é que permite a pessoas como o Fernando Henrique trazer forças como a do Antônio Carlos Magalhães para um processo mais civilizado. Na verdade, a gente já vem notando que, da ditadura para cá, ACM melhorou muito. Ele foi obrigado a isso. Essa coisa de coronelismo, esse clientelismo clássico foi sendo forçado a ser substituído. E aí o PT teve um papel histórico muito importante. O impeachment e as CPIs não seriam possíveis sem a capacidade de fuçar do PT. O Fernando também teve sua importância. Ele é um sociólogo, um homem experimentado, ligado ao povo pela via acadêmica.

Estado — Cardoso leva vantagem sobre o Lula por sua formação?

Gil — Evidente que sim. Não é uma vantagem de ordem absoluta, mas uma vantagem prática, estratégica. Principalmente pelo fato de que o

Lula vem sofrendo uma articulação político-partidária complicada. Há no PT áreas radicais conservadoras quase hegemônicas. Além disso, existem alianças com partidos historicamente muito desgastados, como é o caso do PC do B. Não podemos deixar de admitir o esgotamento de um papel prático dessas forças na impulsão das novas questões, no diálogo que temos de ter com o capitalismo.

Estado — E sua experiência política, como vereador e secretário de Cultura em Salvador, como foi?

Gil — Minha experiência política é nada. Não dou para aquilo. Política tem de ter homens de estatura como Fernando, Lula, Brizola, ACM. Fiz uma aliança entre meu idealismo ingênuo e o populismo raquítico do Fernando José, na Bahia, que quase nos destruiu a ambos e à cidade de Salvador.

FIZERAM UM
PLANO COM
CUSTO SOCIAL
BAIXO